



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO CEARÁ

CONTEXTUS

REVISTA CONTEMPORÂNEA DE ECONOMIA E GESTÃO

Contextus – Contemporary Journal of Economics and Management

ISSN 1678-2089
ISSNe 2178-9258

www.periodicos.ufc.br/contextus

Pesquisas históricas nos estudos organizacionais: Itinerários metodológicos à luz de Michel de Certeau

Historical research in organizational studies: Methodological itineraries in the light of Michel de Certeau

La investigación histórica en estudios organizacionales: Itinerarios metodológicos a la luz de Michel de Certeau

<https://doi.org/10.19094/contextus.2024.92546>

Carlos César de Oliveira Lacerda

<https://orcid.org/0000-0001-7871-1222>

Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE) associado da área dos Estudos Organizacionais do Departamento de Administração.

Doutor em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

cesar.lacerda@uece.br

Ana Sílvia Rocha Ipiranga

<https://orcid.org/0000-0001-8095-6800>

Professora associada da área dos Estudos Organizacionais do Departamento de Administração e do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

Doutora em Psicologia do Trabalho e da Organização pela Università Alma Mater Studiorum di Bologna (Itália).

silvia.ipiranga@uece.br

RESUMO

Contextualização: Os últimos anos foram testemunhas de uma crescente convocação para estudos que articulam a abordagem da história no contexto dos estudos organizacionais. Essas propostas iluminaram as potencialidades da pesquisa histórica ao apresentar diferentes contribuições metodológicas para se entender os fenômenos organizacionais, destacando a experiência das pessoas, da sociedade e das organizações.

Objetivo: Considerando a abordagem da história nos estudos organizacionais, este trabalho se propõe apresentar alguns itinerários metodológicos segundo Michel de Certeau presentes nas obras “A Escrita da História” (Certeau, 2011) e a “A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer” (Certeau, 2012).

Método: Foi realizado uma discussão de cunho teórico. Inicialmente apresentamos um panorama de estudos, enfocando questões propriamente sobre métodos da pesquisa histórica na administração e nos estudos organizacionais. Em seguida, se apresentaram algumas ideias propostas na obra “A Escrita da História” (Certeau, 2011) que se basearam em conceitos sobre “As Produções do Lugar” que tratam itinerários metodológicos relacionados ao “Fazer História” e “A Operação Historiográfica”. Além disso foi considerado o conceito de “Práticas de Espaço” proposto na obra “A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer” (Certeau, 2012) que delineiam os itinerários metodológicos relacionados “As Caminhadas pela Cidade” e os “Relatos de Espaço”.

Resultados: Como resultado se enfatizam as contribuições metodológicas para pesquisadores no que se refere ao desenvolvimento de pesquisas documentais que refletem as “lições da história” a partir de “unidades de compreensão” em uma malha de práticas espaço-temporal no delinear da pesquisa.

Conclusões: Evidenciam-se, por fim, algumas oportunidades de se ampliar as possibilidades de pesquisas historiográficas nos estudos organizacionais considerando o uso da abordagem de Michel de Certeau, segundo uma lógica histórica temporal da organização de espaços relatada pelas memórias dos caminhantes de cidades.

Palavras-chave: metodologia histórica; Escrita da História; Práticas de Espaço; Michel de Certeau; estudos organizacionais.

ABSTRACT

Background: Recent years have witnessed a growing call for studies that articulate the approach to history in the context of organizational studies. These proposals illuminated the potential of historical research by presenting different methodological contributions to understanding organizational phenomena, highlighting the experience of people, society and organizations.

Purpose: Considering the approach to history in organizational studies, this work proposes to present some methodological itineraries according to Michel de Certeau present in the works “The Writing of History” (Certeau, 2011) and “The Practice of Everyday Life: 1- Fine Art of Dwelling” (Certeau, 2012).

Method: A theoretical discussion was held. Initially, we present an overview of studies, focusing on questions specifically about methods of historical research in administration and organizational studies. Then, some ideas proposed in the work “The Writing of History” (Certeau, 2011) were presented, which were based on concepts about “The Productions of Place” that deal with methodological itineraries related to “Making History” and “The Historiographical Operation”. Furthermore, the concept of “Practices of Space.” proposed in the work “The Practice of Everyday Life: 1- Fine Art of Dwelling” (Certeau, 2012) was considered, which outline the methodological itineraries related to “Walking in the City” and “Reports of Space”.

Results: As a result, methodological contributions to researchers are emphasized with regard to the development of documentary research that reflects the “lessons of history”

Informações sobre o Artigo

Submetido em 09/12/2023

Versão final em 17/03/2024

Aceito em 20/03/2024

Publicado online em 07/05/2024

Comitê Científico Interinstitucional

Editor-Chefe: Diego de Queiroz Machado

Avaliado pelo sistema *double blind review* (SEER/OJS – versão 3)



based on “units of understanding” in a mesh of spatio-temporal practices in the design of the research.

Conclusions: Finally, some opportunities are highlighted to expand the possibilities of historiographical research in organizational studies considering the use of the approach of Michel de Certeau, according to a temporal historical logic of the organization of spaces reported by the memories of city walkers.

Keywords: historical methodology; Writing of History; Practices of Space; Michel de Certeau; organizational studies.

RESUMEN

Contextualización: Los últimos años han sido testigos de una creciente convocatoria de estudios que articulen el enfoque de la historia en el contexto de los estudios organizacionales. Estas propuestas iluminaron el potencial de la investigación histórica al presentar diferentes aportes metodológicos para comprender los fenómenos organizacionales, destacando la experiencia de las personas, la sociedad y las organizaciones.

Objetivo: Considerando el abordaje de la historia en los estudios organizacionales, este trabajo se propone presentar algunos itinerarios metodológicos según Michel de Certeau presente en las obras “La escritura de la historia” (Certeau, 2011) y “La invención de la vida cotidiana: 1- Artes de hacer” (Certeau, 2012).

Método: Se llevó a cabo una discusión teórica. Inicialmente, presentamos una visión general de los estudios, centrándonos en preguntas específicamente sobre métodos de investigación histórica en estudios administrativos y organizacionales. A continuación, se presentaron algunas ideas propuestas en la obra “La escritura de la historia” (Certeau, 2011), que se basaron en conceptos sobre “Las producciones del lugar” que abordan itinerarios metodológicos relacionados con “Hacer historia” y “La operación historiográfica”. Además, se consideró el concepto de “Prácticas espaciales” propuesto en la obra “La invención de la vida cotidiana: 1- Artes de hacer” (Certeau, 2012), que traza los itinerarios metodológicos relacionados con los “Paseos por La Ciudad” y las “Historias Espaciales”.

Resultados: Como resultado, se enfatizan los aportes metodológicos a los investigadores respecto al desarrollo de investigaciones documentales que reflejen las “lecciones de la historia” a partir de “unidades de comprensión” en un entramado de prácticas espacio-temporales en el diseño de la investigación.

Conclusiones: Finalmente, se destacan algunas oportunidades para ampliar las posibilidades de la investigación historiográfica en estudios organizacionales considerando el uso del enfoque de Michel de Certeau, según una lógica histórica temporal de la organización de los espacios relatada por las memorias de los caminantes de la ciudad.

Palabras clave: metodología histórica; Escritura de Historia; Prácticas Espaciales; Michel de Certeau; estudios organizacionales.

Como citar este artículo:

Lacerda, C. C. O., & Ipiranga, A. S. R. (2024). Pesquisas históricas nos estudos organizacionais: Itinerários metodológicos à luz de Michel de Certeau. *Contextus – Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 22, e92546. <https://doi.org/10.19094/contextus.2024.92546>

1 INTRODUÇÃO

A relação interdisciplinar entre história e administração, em particular na área dos estudos organizacionais (EOR), foi sendo construída por oscilações e tensões ao problematizar as abordagens tradicionais (Üsdiken & Kipping, 2014; Vizeu, 2010; Pieranti, 2008; Barros, 2016; Costa, Barros & Martins, 2010; Faria & Cunha, 2022). Nesse sentido, diferentes questionamentos foram problematizados relacionados as noções de fato histórico e a escrita desse fato não mais como algo dado/estático e sim como uma construção social. Ademais a noção de documento também foi ampliada ao problematizar o não dito, refletindo sobre as relações e assimetrias de poder, bem como a fabricação da história a partir do produto de uma certa sociedade (Costa, Barros & Martins, 2010; Barros, 2016; Barros, Alcadipani & Bertero, 2015; Barros & Carrieri, 2015; Faria & Cunha, 2022).

Na seara internacional da área de administração e dos estudos organizacionais, as discussões metodológicas que envolvem as pesquisas históricas foram impulsionadas a partir de um marco teórico, denominado de “virada histórica” (historic turn) que envolve a articulação entre história e administração/gestão (Clark & Rowlinson, 2004; Booth & Rowlinson, 2006; Carneiro & Barros, 2017; Mills, Weatherbee & Durepos, 2014). No Brasil, diferentes pesquisadores reconheceram a contribuição da abordagem histórica para prática da pesquisa nos estudos organizacionais ao indicar caminhos, desafios e percursos da história na administração (Pieranti, 2008; Vasconcelos et al., 2008; Vizeu, 2010; Barros, 2016; Carneiro, 2016; Costa & Silva, 2019). Essas propostas iluminaram as potencialidades do método histórico ao apresentar diferentes contribuições para se entender e problematizar os fenômenos organizacionais, destacando a experiência das pessoas, da sociedade e das organizações no delinear do tempo e no espaço (Curado, 2001; Pieranti, 2008; Vasconcelos et al., 2008; Fontoura, Alfaia & Fernandes, 2013; Vale, Bertero & Alcadipani, 2013; Cooke & Alcadipani, 2015; Appio et al., 2017; Barros, Alcadipani & Bertero, 2015; Faria & Cunha, 2022).

No entanto, e apesar do crescimento de estudos que articulem história e administração, ainda se mostram como desafios a serem superados os estudos que abordam questões que dizem respeito aos caminhos metodológicos operacionalizados para o desenvolvimento de pesquisas históricas no campo da administração (Vizeu, 2010; Costa & Silva, 2019; Barros, 2016; Carneiro, 2016; Decker, 2013; Schwartz & Cook, 2004). Por outro lado, se discute que a falta de consenso sobre o desenvolvimento de métodos não os torna distantes ou escassos (Yates, 2014), mas sobretudo, relevantes no que diz respeito ao acesso dos dados e as análises documentais. Nesse sentido, se reconhece que as pesquisas históricas se encontram mergulhadas em diferentes desafios na sua execução (Rowlinson, Hassard & Decker, 2014; Vizeu, 2010; Appio et al., 2017; Bowden, 2020; Costa & Wanderley, 2021; Faria &

Cunha, 2022). Discutir e refletir sobre diferentes maneiras de acessar, analisar e interpretar o passado se configura como uma oportunidade de ampliar as possibilidades metodológicas de pesquisas históricas nos estudos organizacionais.

Observado essas questões, percebemos em Michel de Certeau (1925-1986) uma possibilidade de articulação metodológica para pesquisas históricas nos estudos organizacionais a partir do entrelaçamento das suas obras, entre outras, “A Escrita da História” (2011) e a “A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer” (2012), originalmente publicadas respectivamente nos anos 1975 e 1990. A proposição da abordagem de Certeau nos EOR já é uma prática reconhecida na comunidade acadêmica (Barros & Carrieri, 2015). No entanto, ao realizar diferentes buscas nas bases de dados de artigos nacionais e internacionais inseridos no “Journal Citation Reports” (JCR), como SPELL (*Scientific Periodicals Electronic Library*) e *Web of Science*, se evidenciou que a maioria dos estudos são de cunho teórico e conceitual (Conley, 2001; Ward, 2001; Abdallah & Langley, 2014; Dey & Teasdale, 2015; Barros & Carrieri, 2015; Ipiranga & Lopes, 2017; Thanem, 2011; Humle & Perderson, 2015; Machado, Chropacz & Bulgacov, 2020; Faria & Silva, 2017; Machado, Fernandes & Silva, 2017; Bernardo, Shimada & Ichikawa, 2015; Guarnieri & Vieira, 2020).

Nesses estudos citados acima foram observadas discussões onde conceitos propostos por Certeau foram problematizados, entre estes, “resistência”, “tática”, “cotidiano”, “lugar”, “espaço”, “estratégia”, “invenção”, “prática”, “astúcia”, “bricolagem”, “cultura”, “fronteira” e “história”. Entre as obras citadas do autor nesses estudos observa-se discussões baseadas em: i) descortinar práticas cotidianas a partir de operações realizadas pelo sujeito no seu processo de interação social (Certeau, 2012); ii) escrutinar uma inovadora perspectiva na interação com o social a partir da inserção do conceito de tática (Certeau, 2009); iii) problematizar a história da psicanálise para criticar a redução da história a algo universal (Certeau, 1986); iv) defender o entendimento da cultura no plural (culturas) ao problematizar um efeito unificador de poder para um efeito de luta (Certeau, 1974).

Na seara internacional, destaca-se, por exemplo, um conjunto de estudos que utilizaram abordagens certeanas (2012) em diferentes contextos, entre estes, Driscoll (2001) que problematizou o lugar a partir do qual se lida com a cultura, iluminando os “não produtores de cultura” no contexto das práticas cotidianas; as discussões de Terdiman (2001) sobre o poder das fronteiras para a sensibilidade histórica e interpretativa e ainda as propostas de Munro e Jordan (2013), bem como de Bavinton (2011) que contemplaram teorizações acerca do poder, resistência e da organização do espaço público.

No Brasil, também se observa uma já razoável produção de estudos enfocando, especificamente, caminhos metodológicos na pesquisa histórica na administração por meio de diferentes abordagens, como

por exemplo: Barros (2016); Carneiro & Barros (2017); Coraiola (2012); Costa, Barros & Martins (2010); Costa & Silva (2019); Lopes & Ipiranga (2021); Luna & Barros (2021); Pieranti (2008); Quelha-de-Sá & Costa (2018); Vizeu (2010); Wanderley et al. (2017). Especificamente com relação as abordagens históricas certoneanas citamos, entre outros, trabalhos que tiveram como foco as discussões sobre estratégias e táticas nas organizações de Murta et al. (2010); Silva, Carrieri & Junquillo (2011); Carrieri, et al. (2012); inclusive no cotidiano escolar (Oliveira & Sgarbi, 2007; Duran, 2007); os estudos que trabalharam a organização das práticas em diferentes espaços da cidade que problematiza a questão da memória “viva” por meio da dimensão tácita (Ipiranga, 2010; Marins & Ipiranga, 2015; Ipiranga & Lopes, 2017); as pesquisas que iluminaram as questões acerca da gestão ordinária em negócios familiares (Carrieri, Perdigão & Aguiar, 2014); e o estudo que problematizou a história e o cotidiano de Barros e Carrieri (2015). Contudo, não foram encontrados estudos históricos metodológicos para trabalhar com coleções documentais e arquivos históricos desenvolvidos com base na “A Escrita da História” (Certeau, 2011) e na “A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer” (Certeau, 2012), no contexto dos estudos históricos organizacionais.

Particularmente, “A Escrita da História” segundo Michel de Certeau (2011) pode se apresentar como uma possibilidade metodológica nos estudos históricos ao revelar as “lições da história” a partir de uma “operação historiográfica” (Certeau, 2011, p. 89), cruzando tempos e espaços por meio da constituição de uma coleção documental. Além disso, e conforme tratado na obra “A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer” (Certeau, 2012) se consideram os itinerários metodológicos baseados nos “documentos produzidos” pelos caminhantes da cidade que revelam os “relatos de espaço” de uma memória viva (Certeau, 2012).

Dessa forma, com o intuito de preencher estas lacunas, nosso objetivo neste trabalho foi apresentar alguns itinerários metodológicos segundo de Michel de Certeau presentes nas obras “A Escrita da História” (2011) e “A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer” (Certeau, 2012). Com esta reflexão inicial esperamos enriquecer, estimular e ampliar as discussões acerca dessas possibilidades metodológicas para a prática da pesquisa histórica na administração.

Para realizar essa discussão, após esta introdução, o presente trabalho se estrutura a seguir com uma breve reflexão sobre diferentes perspectivas da abordagem histórica nas pesquisas em administração e nos estudos organizacionais. Em seguida apresentamos algumas possibilidades para o desenvolvimento de pesquisa históricas nos estudos organizacionais baseadas nas obras “A Escrita da História” (Certeau, 2011) e a “A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer” (Certeau, 2012). Seguem-se posteriormente as considerações finais e as referências utilizadas no trabalho.

2 DIFERENTES PERSPECTIVAS DA ABORDAGEM HISTÓRICA NAS PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO E NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

A assim conhecida “virada histórica” (*historic turn*) impulsionou diferentes discussões sobre o uso da história nos estudos organizacionais. Foi a partir desse marco teórico crítico por mais história na gestão ao sintetizar as discussões da “nova história” que Clark e Rowlinson (2004) discutiram o tratamento da história, estabelecendo uma aproximação entre história, historiografia e ciências sociais. A “virada histórica” é um convite para ir além das abordagens hegemônicas que envolvem teorias, métodos e modelos com base em perspectivas lineares e longitudinais, mas que consideram diversas dimensões como fontes históricas no contexto das organizações (Clark & Rowlinson, 2004; Carneiro & Barros, 2017). Esse movimento se configura como um apelo por mais história na gestão ao problematizar a relação espaço-tempo, historicizando os trabalhos nas ciências sociais aplicadas, mostrando que as práticas de gestão também devem se situar culturalmente e historicamente (Booth & Rowlinson, 2006; Clark & Rowlinson, 2004). Sobretudo a partir da definição do campo dos estudos organizacionais históricos (McClean et al., 2016), a “virada histórica” impulsionou diferentes estudos que insurgiam a uma perspectiva a-histórica que a ciência da administração construiu ao longo dos tempos (Mills, Weatherbee & Durepos, 2014).

Partimos do entendimento de Le Goff (1992) ao considerar um tipo de “dualidade histórica”, por meio de uma compreensão da história como: i) um fato acontecido em determinada realidade e, ii) a narração ou estudo dessa realidade acontecida. Questões essas que corroboram com as articulações de Veyne (1971) que entende a história como sendo o acontecimento em si, ou seja, os fatos, mas também a narração desse acontecimento, a “história da história”. Ou ainda como abordado por Certeau (2011) por meio do “discurso da separação: a escrita”, de uma “escrita da história” (p. 13).

Para além das discussões teóricas-conceituais da abordagem da história na administração, as questões teóricas-metodológicas relacionadas ao método histórico foram também inseridas nestas discussões, indicando diferentes caminhos da história na administração (Barros, 2016; Carneiro, 2016; Decker, 2013; Schwartz & Cook, 2004; Vasconcelos et al., 2008; Durepos & Mills, 2011; Costa, Barros & Martins, 2010; Quelha-de-Sá & Costa, 2018; Costa & Silva, 2019; Lopes & Ipiranga, 2021; Lacerda, Ipiranga & Thoene, 2023).

O trabalho, por exemplo, de Costa e Silva (2019) apresentou uma proposta para a prática da pesquisa histórica por meio de três conceitos norteadores: (a) “o fato histórico, compreendido como acontecimentos que deram origem às diferentes interpretações históricas acerca do ocorrido; (b) o documento e a fonte histórica, ou seja, qualquer vestígio do passado que foi conservado e serve para compreender sua época; e (c) a análise ou operação

histórica, isto é, o processo crítico pelo qual é submetida uma fonte de modo que possa suportar o pesquisador a responder suas inquietações” (p. 101). Para os autores, esses conceitos estão interligados e fornecem direções para posicionar historicamente o objeto de estudo, refletindo que os documentos e as fontes históricas não são apenas depositórios de fatos que ocorrem no passado, sugerindo uma relação com o próprio ofício do pesquisador (Costa & Silva, 2019).

Caraiola (2012) corrobora com tais questões discutindo em seu estudo a importância dos arquivos empresariais para a pesquisa histórica em administração, argumentando que o acesso ao passado precisa estar conectado simultaneamente com outros passados como uma espécie de rede conectada e que demanda a disponibilização e a preservação dos vestígios históricos. Jacques (2006) também acrescenta conteúdo substancial a essas discussões apresentando como os estudos organizacionais se relacionam com a historiografia.

Nesse mesmo sentido, Rowlinson, Hassard e Decker (2014) desenvolveram uma discussão sobre estratégias de pesquisa para história organizacional, tecendo diálogos entre a teoria histórica e da organização. O estudo de Pieranti (2008) também apresenta uma discussão que envolve a metodologia historiográfica nas pesquisas em administração por meio de seus princípios e aplicabilidades. Vizeu (2010), por sua vez, discutiu um trabalho que abordou as potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros, propondo temas de reflexões para uma agenda de pesquisa. De maneira semelhante, Barros (2016) trouxe para o cerne das discussões questões acerca da construção dos arquivos documentais de pesquisa, problematizando sobre as etapas dessa metodologia na área da administração, além do conceito de arquivo enquanto espaço em transição, expandindo a noção de objeto, bem como as relações e assimetrias de poder inerentes aos arquivos históricos.

Nessa área, sobressaem-se ainda os trabalhos da Decker (2013; 2014) que discute como o arquivo pode ser capaz de silenciar ou dar voz a determinados acontecimentos e realidades, ao mesmo tempo, desvelando a vivência de uma rede que é composta de vozes, silêncios, ausências e desvios. Mais especificamente, a autora trabalha com a proposta de uma metodologia a partir da etnografia de arquivos que se apresenta como uma ampliação e alternativa à etnografia multissituada para compreender as práticas, experiências e as vivências históricas através de uma rede de relações evidenciada nos arquivos históricos, desencadeando reflexões sobre o passado (Decker, 2014). O trabalho de Lopes e Ipiranga (2021), também caminha nesse sentido ao discutir as contribuições da etnografia de arquivos enquanto método nas pesquisas históricas em administração ao remontar percursos e práticas históricas tendo “acesso as vozes e silêncios que lhe são subjacentes” (p. 48).

Cita-se também os trabalhos de Durepos e Mills (2011), Luna e Barros (2021) e de Bezerra e Ipiranga

(2021), bem como de Quelha-de-Sá e Costa (2018) e Ipiranga, Chaym e Gerhard (2016) que discutem suas pesquisas baseadas na perspectiva crítica da ANTi-History, sendo igualmente uma abordagem muito específica no manejo de arquivos históricos e coleções documentais por meio de suas articulações com a teoria Ator-Rede (ANT), produzindo uma historiografia organizacional crítica.

Ademais, citamos o estudo de Wanderley e Barros (2016), que discute as relações entre a decolonialidade, a virada histórica e os estudos organizacionais, propondo uma agenda de pesquisas que caminha na tentativa de escrutinar essas articulações metodológicas na área dos estudos organizacionais históricos. Mencionamos igualmente o trabalho de Hodge, Freitas e Costa (2021) que utilizam da análise crítica do discurso (ACD) com base em grandes coleções documentais para analisar historicamente a representação discursiva da mídia sobre a privatização das telecomunicações no Brasil. Outros trabalhos também caminham nessa discussão ao utilizar métodos que enfatizam a história de vida no estudo das organizações (Lopes & Costa, 2021; Maccali et al., 2014; Godoy, 2018; Capaverde et al., 2021; Teixeira, Lemos & Lopes, 2021; Granato, Lopes & Costa, 2020), assim como a perspectiva da história oral como uma possibilidade metodológica aos estudos em administração, enfatizando as questões acerca da memória organizacional (Hodge & Costa, 2020). Outros estudos mais recentes dão maior ênfase a uma crítica particular à virada histórica no contexto da América Latina, defendendo o projeto decolonial (Wanderley & Barros, 2019; Sauerbronn, Lima & Faria, 2022) e maiores possibilidades propostas pelo subcampo da história organizacional crítica (Durepos et al., 2021). Particularmente citamos o estudo de Lacerda, Ipiranga & Thoene (2023) que caminha nesse sentido ao dirigiram o olhar para a organização histórica das margens de uma cidade do Sul Global, problematizando a ideia de “ruínas históricas” proposta pelo histórico filósofo Walter Benjamin como um caminho viável para compreender o organizar da cidade dos dias atuais de Fortaleza/CE e que pode ser “desnaturalizado” (Fournier & Gray, 2000) pelo passado ao nos contar histórias de resistências.

Diante do exposto, percebe-se que estudos históricos que tiveram como foco indicar possíveis caminhos metodológicos enfatizaram diferentes interfaces de análise e perspectiva, iluminando diferentes posicionamentos e suposições epistemológicas e ontológicas. Nos últimos anos e como observado na pesquisa de Godfrey et al. (2016) esse processo vem constituindo uma ampla aproximação entre as áreas envolvidas, desvelando, de acordo com Wanderley et al. (2017), uma nova abordagem organizacional mais crítica à dimensão histórico-temporal-espacial no contexto da administração e dos estudos organizacionais. No entanto, observou-se que metodologias alternativas que aproximem as discussões oriundas do método histórico ao refletir sobre procedimentos para analisar documentos proposto por Michel de Certeau a partir da sua “A Escrita da História”

(2011) e a “A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer” (Certeau, 2012) são ainda escassos. Um esforço que sinaliza essa reflexão inicial está apresentado no próximo item.

3 ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS À LUZ DE MICHEL DE CERTEAU: “A ESCRITA DA HISTÓRIA” (2011) E “A INVENÇÃO DO COTIDIANO: 1- ARTES DE FAZER” (2012)

Michel de Certeau (1925-1986) foi um historiador, filósofo e pensador crítico francês que marcou uma geração de estudos focados em áreas como a antropologia, a teologia, a psicanálise, a filosofia, as ciências sociais e a teoria da história, por meio de uma prática interdisciplinar, o que permitiu construir diferentes diálogos entre esses saberes, à luz do seu ofício, enquanto pesquisador histórico e da crítica do fazer historiográfico como uma prática (Miranda Júnior, 2019; Orellana, 2015).

A sua clássica obra “A Escrita da História” (2011), publicada originalmente em 1975, articula diferentes questões de teor reflexivo ao questionar “como se produz história? ou melhor, como fazer história?”, problematizando o ofício do historiador e seus modos de fazer, pesquisar e produzir história. Para Certeau (2011, p. 64) “fazer história é uma prática” enquanto uma operação (historiográfica) na qual se desdobra numa pesquisa sobre outra pesquisa, ou sobre a escrita de um texto sobre outro texto a partir de uma prática (Vilhagra, 2017), impactando na formação de pesquisadores por meio da maneira de relatar os procedimentos metodológicos e relatar os dados da pesquisa (Bispo & Gherardi, 2019).

Em 1990 Michel de Certeau publicou a obra “A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer” (2012). Após 4 anos, em 1994, Michel de Certeau em coautoria com Luce Giard e Pierre Mayol publicou “A Invenção do Cotidiano: 2 - Morar e Cozinhar” (2009). Conforme será discutido mais adiante, na sua obra “A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer”, uma atenção constante foi dedicada a um dos aspectos centrais do trabalho do autor relacionados aos “modos de” ou “artes de”, seja “fazer”, “dizer”, “pensar” ou “acreditar”. Essa atenção está direcionada, entre outras questões, para questões da vida cotidiana, relacionadas com as “memórias”, quase sempre “táticas” que as pessoas comuns que caminham pela cidade produzem para afirmar uma identidade na organização de espaços. A “cultura”, para Certeau (1974), inclui hábitos, como os hábitos do caminhante nos espaços urbanos, e estes foram investigados segundo um ponto de vista histórico (Driscoll, 2001; Carrard, 2001).

A obra “A Escrita da História” de Certeau (2011) é composta por quatro partes complementares, entre elas: i) As Produções do Lugar, onde é enfatizado a discussão do “Fazer História” e da “Operação Historiográfica”, parte esta que o presente estudo mais se aproxima; ii) A Produção do Tempo e da História a partir de uma Arqueologia Religiosa, onde é apresentado uma discussão sobre a história

religiosa do século XVII e a “ética das luzes”; iii) Os Sistemas de Sentido, onde o autor discute sobre a oralidade etnológica e o “espaço do outro”; iv) As Escritas Freudianas, onde Certeau se debruça nas reflexões sobre a psicanálise, buscando um ponto de articulação científica com a história (Certeau, 2011).

Nesse contexto, elegemos um itinerário de discussão que se baseou em alguns dos seus principais conceitos sinalizados, sobretudo, nesta primeira parte da obra sobre “As Produções do Lugar - Fazer História e a Operação Historiográfica, com o intuito de sugerir caminhos metodológicos no contexto de pesquisas desenvolvidas na área dos estudos organizacionais. Certeau (2011, p. 3) inicia o capítulo “Fazer História”, articulando três conceitos centrais: “a história, uma prática e um discurso”.

Para o autor a palavra “história” sugere uma proximidade entre a operação científica e a realidade que se propõe analisar. Nesse contexto, os “discursos” são históricos porque estão conectados a operações e definidos por funcionamentos, e estes não podem ser compreendidos independente da “prática” de que resultam. Essa perspectiva caracteriza os procedimentos metodológicos de explicação de fenômenos e ou documentos em função de “modelos” ou de suas “regularidades”, iluminando caminhos de produção e possibilidades de transformação: “(...) entendo como história essa prática (uma “disciplina”), o seu resultado (o discurso) ou a relação de ambos sob a forma de uma “produção”. Nesse sentido, o tratamento dado pela historiografia implica “o movimento que conecta uma prática interpretativa a uma prática social”. A história oscila, portanto, entre dois polos: por um lado “remete a uma prática, logo, a uma realidade”. Por outro lado, “a história é um discurso fechado”, como “um texto que organiza e encerra um modo de inteligibilidade” (Certeau, 2011, p. 5-6)

Certeau (2011) continua esta discussão no item “Práticas históricas e práxis social”, problematizando o fazer historiográfico considerando os pontos de vista ideológico e epistemológico. Para o autor, o termo ideologia não mais designa a forma sob a qual a significação emergiu na ótica do historiador, substituindo o “fazer” historiográfico ao “dado” histórico. Esta discussão introduz e sinaliza que o fato histórico resulta de uma práxis, é um signo de um ato e da afirmação de um sentido, possibilitando a articulação de um modo de compreensão em um discurso. Sob esse aspecto, quando a história leva em consideração o “fazer”, encontra ao mesmo tempo seu enraizamento na ação que “faz história” (p. 18). Dessa forma, explicando sob o ponto de vista epistemológico que não permite buscar o sentido sob a aparência de uma ideologia, a organização de cada historiografia em “função de óticas particulares e diversas se refere a atos históricos, fundadores de sentidos e instauradores de ciência”. Para o autor, o discurso “não pode ser desligado de sua produção, tampouco o pode ser a práxis política, econômica ou religiosa, que muda as sociedades e que, num momento dado, torna possível tal ou qual tipo de compreensão científica” (Certeau, 2011, p. 19-20).

No item “História, discurso e realidade”, Certeau (2011) continua esta discussão problematizando o intermédio entre a situação da história e o problema do real, onde o autor discute a questão epistemológica da ‘compreensão’, da diferença entre acontecimentos, períodos, dados e séries que se apoiam entre um presente e um passado que retorna na prática historiográfica na tarefa do “fazer história”. Para Certeau (2011) “fazer história é uma prática” (p. 36) e nesse sentido os procedimentos da operação historiográfica se inicia com o estabelecimento das fontes e a redistribuição do espaço, onde a interpretação se torna em função do material produzido a evidenciação de “desvios” em relação aos modelos.

Nesse contexto, Certeau (2011) cita os polos do real onde “a atividade produtora e o período conhecido se alteram reciprocamente” (p. 28), enquanto lugar da operação científica. A história não está relacionada ao objeto, pois a história seria uma produção ou uma fabricação do discurso sobre o real a partir de uma reconstrução historiográfica e não do fato em sua essência (Miranda Júnior, 2019). Desse modo, a história se insere em um jogo nessas fronteiras, articulando um contexto social com o seu passado e ao ato de distinguir-se dele, traçando a imagem de uma atualidade, demarcando-a de seu “outro”, atenuando e ou modificando o retorno do passado (Certeau, 2011, p. 29). A questão da interpretação se insere nesse intermédio da história, pois, o método interpretativo com este “outro” está “no ato de evidenciar a relação que liga um modo de compreender com o incompreensível que ele faz surgir” (p. 30). Por fim, se enfatizam as questões do “limite” e da “diferença” na relação com o “outro” que atuam, ao mesmo tempo, como instrumento e objeto de pesquisa, como conceitos operatórios da prática historiográfica, sendo este o instrumento de trabalho e o lugar da análise metodológica na pesquisa (Certeau, 2011, p. 33).

Nestes diferentes aspectos, o autor interliga os significados e as explanações históricas e ilumina um conjunto de interpretações do passado ao selecionar, observar, interrogar, descrever, interpretar, entrecruzar e produzir sentidos por meio de uma leitura documental orientada na compreensão dos silêncios, das ausências e dos desvios do passado histórico (Certeau, 2011). A interpretação se torna em função do material produzido em relação a evidenciação de uma “tática de desvio” (p. 76). Essa questão da tática dos desvios é enfatizada pelo autor e se apresenta como uma estratégia de interpretação, considerando os “desvios significativos” (p. 84-85) para compreender os silêncios da história a partir do dito e não-dito (Campos, 2010), ou refletindo igualmente sobre os (des)caminhos sinalizados por esses processos de reconstrução (Roiz, 2012), o que nos permite refletir sobre as tensões construídas historicamente a partir das disputas entre histórias oficiais e memórias silenciadas, ou seja, da voz que é posta nas margens, bem como os lugares/espacos de esquecimento, de desligamentos e/ou do apagamento.

Ao se referir aos silêncios e ausências, Certeau (2011) considera que o ausente é também a forma presente da origem. Dessa maneira, uma escrita da história se dá entendendo a história “como um texto que organiza “unidades de compreensão” e nela opera transformações (...) na medida que constitui um relato ou um discurso próprio” (Certeau, 2011, p. 50). Para o autor, os fatos históricos funcionam como indícios, existindo em cada história um processo de significação referente aos seus diferentes desdobramentos (Certeau, 2011), ao considerar os “resíduos” e os conteúdos “descartados” da história que tendem a receber novos significados a partir de uma narrativa historiográfica (Sousa, 2011), possibilitando, sobretudo, problematizar sobre a construção do passado a partir das memórias e dos silêncios (Barros, Carneiro & Wanderley, 2019).

Seguindo esse processo, Certeau (2011) considera que a história traça possíveis narrativas a partir de uma “operação historiográfica” (p. 56), pensando a história como um processo que entende a articulação entre o lugar do discurso e a construção de um enredo, considerando a combinação de: i) um lugar social no passado, entendendo que toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção. Esse lugar social que o autor fala se refere ao lugar de produção de conhecimento político e cultural. Assim, Certeau (2011) questiona as formas de produção, levantando reflexões sobre as relações de poder (o que é possível de ser dizível e o que permanece como não-dito) nos arquivos. E é em função desse lugar que se instauram os métodos que delineiam uma topografia de interesses nos documentos e nas questões que lhes serão propostas; ii) da prática, compreendendo a transformação de um objeto em histórico a partir da historicização de um elemento; e iii) de uma escrita ao construir um discurso sobre diferentes fatos históricos que estão correlacionados a partir da ação do “conteúdo” sobre a “forma” (p. 104).

Essas questões podem ser úteis nas pesquisas históricas para problematizar as fontes, cientes da impossibilidade de neutralidade dos documentos, onde algumas questões podem ser formuladas para compreender esse lugar social conforme exposto por Certeau (2011): i) quais as origens das fontes? ii) quem as formulou? iii) com quais objetivos e intencionalidades? iv) para quem e como foram publicizadas? Assim, num processo que tem o objetivo de compreender o que está representado à luz do contexto de sua época (Costa & Silva, 2019), na tentativa de ir além dos aspectos internos de conteúdo, por meio de uma reflexão externa que também situe o documento: descrevendo-o de onde vem; qual o contexto de criação; o ano; quem estava por trás; as linhas editoriais; os principais interesses daquele acervo, jornal, etc. Entre outras questões que sinalizam as relações de poder existentes nos arquivos a partir dos principais interesses políticos, econômicos e culturais da época na produção dos trechos documentais, ao mesmo tempo, problematizando sobre as perspectivas metodológicas que basearam a pesquisa, a seleção, coleta e análise de

documentos. Particularmente, nesse processo é relevante considerar os esclarecimentos sobre os critérios adotados para seleção de documentos, bem como as possíveis dificuldades enfrentadas e os desafios em todo o processo. Ademais, é relevante refletir que ao recolher qualquer tipo de material documental, o pesquisador desloca igualmente esse arquivo no tempo e no espaço, pois a tarefa de transportar as fontes numa função de separar, recortar, isolar, transcrever, fragmentar e fotografar, por meio de uma operação técnica, precisa considerar as impressões do pesquisador a partir do seu ofício e lugar social (Sousa, 2011).

Ao relacionar estes diferentes aspectos nas pesquisas organizacionais de cunho histórico, observa-se que a interpretação de uma coleção documental produzida em relação à organização das fontes de arquivos pode ser articulada com base em um “lugar social da operação científica e quando institucional e tecnicamente ligada a uma prática do desvio, com relação aos modelos culturais ou teóricos contemporâneos” (Certeau, 2011, p. 91). Dessa forma, uma “operação historiográfica” segundo Certeau (2011) se revela como um efeito duplo:

- i) por um lado, historiciza o atual. Falando mais propriamente, ela presentifica uma situação vivida. Obriga a explicitar a relação da razão reinante com um lugar próprio que, por oposição a um “passado”, se torna o presente [...] ii) por outro lado, a imagem do passado mantém o seu valor primeiro de representar aquilo que falta, remetendo a uma ausência [...] o lugar que ela destina ao passado é igualmente um modo de dar lugar a um futuro (Certeau, 2011, p. 88-89).

Em pesquisas históricas, essa fluidez do processo histórico pode mostrar que o “lugar que ela destina ao passado pode ser o mesmo lugar destinado ao futuro”, dessa forma, reproduzindo o mesmo discurso do passado e agora também no presente. A escrita da história pode se produzir nestes interstícios de ambivalências, organizando um conjunto coerente de “unidades de compreensão” que opera transformações ao revelar as “lições da história” (Certeau, 2011, p. 93). Por outro lado, “toda historiografia coloca um tempo das coisas como um contraponto e a condição do tempo discursivo” (Certeau, 2011, p. 95) a partir de uma cronologia que reconhece que o lugar da produção é o que autoriza a historiografia ao indicar “o serviço que o tempo presta a história” ao manter a relação com “aquilo que se passa fora dela” (Certeau, 2011, p. 96) em diferentes aspectos das práticas cotidianas.

É a partir desse ponto que a seguir se apresentam alguns itinerários propostos nas discussões metodológicas certeanas contidos nos itens VII “As Caminhadas pela Cidade” e IX “Relatos de Espaço” da III Parte “Práticas de Espaço” da obra “A Invenção do Cotidiano: 1- Artes de Fazer” (Certeau, 2012).

Certeau (2012) discute que a ordem cotidiana de uma cultura ordinária “é exercida por uma arte”, no sentido duplo de ser exercida e burlada. Dessa forma, “se insinuam um estilo de trocas sociais, um estilo de invenções técnicas e um estilo de resistência moral” em prol da valorização da

cultura ordinária, envolvendo uma “economia do dom”, uma “estética de lances” e uma “ética da tenacidade” (Giard, 2012, p. 19). O autor ainda enfatiza que estas questões são relativas a uma “ciência tática” (uma “lógica”) das maneiras de fazer cotidianas (Certeau, 1974) e se questiona: como uma força combinatória entre competição e conflito desenvolvem práticas de natureza táticas que organizam os espaços?

Nesse contexto, Certeau (2012) considerou que algumas formas de se pensar sobre as práticas de espaços teria que assumir que estas são do tipo tático, resultando em uma politização das práticas cotidianas. O autor explica que as táticas, estas formas lógicas de operação são “astúcias inteligentes” (clever tricks) que os gregos chamavam “mētis”. “Taking a trick” é uma habilidade de manobra em um contexto no qual se apresentam diferentes condições. Esta produção é também uma “invenção” da memória ou um produto de histórias silenciosas. A tática é a arte de manobrar, há um senso de continuidade e permanência nessas operações táticas, depende do tempo e de se jogar com os eventos para apropriar-se desses, transformando-os em ocasiões, permitindo que os fracos tirem proveito das forças que lhes são estranhas (Certeau, 2012).

As discussões sobre as “práticas de espaço” propostas por Certeau (2012) têm como um dos pontos de partida o retorno para uma história relativa às práticas espaciais memoráveis. Tomando como base as histórias dos espaços urbanos, Certeau (2012) caracterizou os caminhantes ordinários como voyeurs e flaneurs nas ruas da cidade. Com seus corpos, os caminhantes ordinários iluminam suas maneiras de fazer ao escreverem textos urbanos, baseados em um discurso de memórias, moldados pelas trajetórias que alteram, inventam e praticam os espaços da cidade com suas histórias fragmentárias (Ipiranga & Lopes, 2017).

A memória vem, portanto, entendida no sentido antigo do termo que designa uma presença à pluralidade dos tempos e não se limita apenas ao passado, enfatizando que a “memória mediatiza transformações espaciais” (Certeau, 2012, p. 149). Em um determinado ponto no tempo (kairós), a memória produz nos fundamentos uma ruptura instauradora. Esta estranheza torna possível uma transgressão da lei do lugar. Este esquema pode ser encontrado em muitas histórias e, é, por assim dizer, a sua unidade mínima: “o regresso no tempo que era ignorado pela distribuição espacial dos personagens” (Certeau, 2012, p. 151). A memória desenvolve a aptidão para estar sempre no lugar do “outro”. Essa força não é um poder, mas “autoriza”, torna possível uma inversão, uma mudança de ordem ou de lugar: “uma passagem a algo diferente, uma metáfora da prática ou do discurso” (Certeau, 2012, p. 151). Nesse sentido, essa “memória prática” é regulada por múltiplas atividades de alteração, ao mesmo tempo que é tocada pelas circunstâncias, por uma prática metonímica da singularidade, a ser lembrada e jogada através de novas ocasiões: “onde o espaço surge de novo como lugar praticado” (Certeau, 2012, p. 198).

As formas de conduzir a história oferece um campo muito rico para a análise da espacialidade, pois, como colocado anteriormente, não há espacialidade que não seja organizada pela determinação de fronteiras (Certeau, 2012). Nesse contexto, Certeau (2012, p. 195) colocou a questão: “a quem pertence à fronteira?”. Munro & Jordan (2013) discutiram esta questão ao investigarem as táticas espaciais como base para a criação de espaços de trabalho híbridos em espaços públicos. Para os autores as táticas espaciais estão ligadas à política do espaço, possibilitando explorar as ambiguidades nas fronteiras espaciais da paisagem urbana existente. Terdiman (2001) ao discutir a questão das margens em Certeau, enfatiza a importância das fronteiras para a sensibilidade histórica e interpretativa. Para o autor, as fronteiras estão em constante transformação, metamorfoseando topologias e moldando temporalidades. É nas fronteiras onde se materializa significados possíveis, sendo estes significados um efeito dessas fronteiras.

Nesta organização do espaço, a história desempenha um papel decisivo ao propor uma descrição enquanto um ato culturalmente criador (Certeau, 1974). O autor ao considerar o papel da história na delimitação de fronteiras, reconhece como também anteriormente colocado, que a principal função é a de “autorizar” o estabelecimento, o deslocamento e a superação dos limites em uma dinâmica de espaço. Nesse sentido, as histórias fazem uma travessia em um mapa de percursos, a partir do relato dos espaços, portanto, “instaura uma caminhada (guia) e passa através (transgrede)” (Certeau, 2012, p. 197).

Para o autor, o conhecimento histórico é julgado mais por sua capacidade de focalizar os “desvios”, não apenas quantitativos, mas qualitativos em relação às construções formais presentes. O historiador se instala, portanto, nas fronteiras onde a lei de uma inteligibilidade encontra seu limite como aquilo que deve incessantemente ultrapassar, deslocando-se, e aquilo que não deixa de encontrar sob outras formas: “não renunciar nunca à relação que essas ‘regularidades’ mantêm com ‘particularidades’ que lhes escapam” (Certeau, 2011, p. 86-87). O autor ainda pontua que as histórias de espaços apresentam duas figuras narrativas essenciais, quais sejam, a da “fronteira” e da “ponte”, possibilitando: i) criar um teatro legítimo para ações práticas, com funções de “autorização” e “fundação”; ii) nesse teatro, as histórias são animadas por uma contradição dinâmica entre a fronteira e a ponte, isto é, entre um espaço (legítimo) e sua exterioridade (estranha). Esta contradição é entendida a partir de uma malha de práticas pelas quais os agentes se apropriam dos espaços (Certeau, 2012, p. 191-194).

Em termos metodológicos, Certeau (2011, p. 69) ainda discutiu sobre a redistribuição do espaço ao se referir ao estabelecimento das fontes na pesquisa histórica. Para isso, o autor propõe escolher “uma prática observadora e engajada” em um ponto da cidade que se objetiva estudar, a determinar a partir daí o seu conjunto (Certeau, 2012).

Nos estudos históricos com base nas “práticas de espaço” tudo começa com o gesto de separar, pôr de lado, reunir, colocando juntos, transformando em “documentos” certos objetos que estão distribuídos de outra forma, como, por exemplo: os monumentos arquitetônicos, as ruas e as praças das cidades, entre outros espaços e lugares (Certeau, 2012). Nesse sentido, durante a constituição dos acervos e das coleções documentais, Certeau (2011) enfatiza as questões relacionadas a uma nova distribuição cultural que consiste em “produzir esses documentos, copiando-os, transcrevendo-os e fotografando-os” (Certeau, 2011, p. 69).

Certeau (2011) enfatizou estes itinerários de pesquisa relacionados aos procedimentos da operação historiográfica a partir do estabelecimento dessas fontes e da redistribuição do espaço, visando a formação de coleções de arquivos documentais “produzidos” (p. 69), assim como a sua interpretação por meio de unidades de compreensão temporalizadas. Dessa maneira, se possibilita analisar a história com base em recortes espaço-temporais, considerando as passagens que atuam entre a transitoriedade de datas, períodos, lugares, monumentos, arquiteturas, espaços, táticas, práticas e fatos que se articulam entre si, convergindo períodos, memórias e sensibilidades táticas, visando construir itinerários historiográficos (Carrard, 2001).

A análise dessas operações denota a utilização dos conceitos inspirados pelas reflexões epistemológicas certeanas que se articulam por uma “rede historiográfica”, originando as “unidades de compreensão”, sendo possível refletir sobre as “lições da história” de um determinado contexto e em seguida estabelecendo uma escrita da história que leve em consideração o enredo histórico como um texto contextualizado e codificado a ser produzido (Certeau, 2011). Desse modo, é relevante refletir sobre a fabricação do “fazer história” ao oferecer contornos aos indícios que organizam o texto (Oriani, 2017).

Ao desdobrar essas discussões, os itinerários metodológicos podem possibilitar a delimitação de uma rede historiográfica que interliga os significados e as interpretações históricas e que permite iluminar diferentes possibilidades permeadas por conjuntos de interpretações do passado e também do presente, e de processos de resistências que possam delinear futuros possíveis (Certeau, 2011; 2012).

4 [IN]CONCLUSÕES: O DIÁLOGO CONTINUA (...)

Neste trabalho compartilhamos um possível diálogo com algumas ideias de Michel de Certeau direcionadas aos conceitos trabalhados pelo autor nas obras “A Escrita da História” (Certeau, 2011) e a “A Invenção do Cotidiano: 1-Artes de Fazer” (Certeau, 2012), entre outras, buscando refletir sobre as suas contribuições metodológicas enquanto caminhos para o desenvolvimento de pesquisas históricas no campo dos estudos organizacionais. Para tanto, apresentamos brevemente uma discussão inicial sobre a

abordagem da história nas pesquisas em administração, demonstrando a necessidade de refletir sobre os desafios na construção do passado para além das discussões teóricas-conceituais já evidenciadas nesta área do conhecimento.

Nesse sentido, apresentamos diferentes aspectos relacionados as pesquisas de cunho histórico nos estudos organizacionais a partir de distintas perspectivas, entre elas, o uso dos arquivos empresariais, da problematização do fato histórico, dos documentos e das fontes, bem como da disponibilização, do acesso e a preservação dos vestígios históricos, da historiografia, do arquivo enquanto espaço em transição, da etnografia de arquivos, da ANTi-History, da decolonialidade, da virada histórica, da análise crítica e histórica do discurso, da história de vida e da história oral, das táticas e das memórias de resistências que se delineiam durante as caminhadas nos espaços urbanos, entre outros. Neste itinerário, em seguida apresentamos o potencial contributivo metodológico de uma escrita da história segundo Michel de Certeau (2011; 2012) para pesquisas no contexto dos estudos organizacionais.

Assim, evidenciamos que as principais contribuições metodológicas para os estudos históricos nos EOR, a partir de uma escrita da história repousam sobre a compreensão de uma escrita historiográfica que leve em consideração os diferentes conceitos do autor para remontar e revelar uma pluralidade de história e memórias, um lugar social, uma prática engajada, a escrita, o discurso, as caminhadas nos espaços urbanos, as ausências, os limites, os silêncios, os desvios, as táticas e os indícios. Esses conceitos norteadores de análise podem facilitar o processo da construção das “unidades de compreensão”, sendo possível uma reflexão sobre as “lições da história” no sentido de iluminar as diferentes versões de um passado, bem como demonstrar itinerários mnemônicos alternativos para escrita de um “enredo histórico” (Certeau, 2011). Refletiu-se ainda sobre os (des)caminhos e os desvios sinalizados por esses processos e práticas históricas, ao considerarmos que esses desvios, bem como os silêncios denunciam, expressam, revelam, remontam e enunciam: “esses silêncios são tão história quanto a história” (Marc Ferro em “Os Tabus da História”, 2002, p. 7).

Como sugestão de estudos futuros enfatizamos um dos pontos originais do uso da abordagem historiográfica de Certeau (2012, p. 184) que se aplica aos processos de organização da urbe. Esses estudos enfatizam as ações narrativas produzidas pela análise das práticas do espaço, cujas histórias possibilitariam precisar formas elementares de práticas organizadoras do espaço nas/das cidades (Ipiranga & Lopes, 2017).

Por fim, reconhecemos os diferentes desafios que compõem essa trajetória e, portanto, distantes de encerrar essa discussão, estamos cientes que este trabalho possui limitações e se propõe como uma articulação teórica preliminar ao refletir sobre metodologias de análise nas pesquisas históricas no contexto dos estudos organizacionais. Considerando dar continuidade e iluminar

caminhos para esses debates, sinalizamos que as reflexões aqui apresentadas permanecem abertas e sem pretensão de conclusões, mas com expectativas de conversas, debates e críticas para compor uma agenda de pesquisa a partir de estudos futuros. Por este motivo, o diálogo continua.

REFERÊNCIAS

- Abdallah, C., & Langley, A. (2014). The double edge of ambiguity in strategic planning: The double edge of ambiguity in strategic planning. *The Journal of Management Studies*, 51(2), 235-264. <https://doi.org/10.1111/joms.12002>
- Appio, J., Frizon, N. N., Canopf, L., Marcon, D., & Madruga, B. (2017). Pesquisa Histórica como uma possibilidade à pesquisa em Estudos Organizacionais. *CIA/Q* 2017, 3. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902010000100004>
- Barros, A. (2016). Archives and the “Archive”: dialogue and an agenda of research in organization studies. *O&S - Organizações & Sociedade*, 23, 609-623. <https://doi.org/10.1590/1984-9230795>
- Barros, A., & Carrieri, A. D. P. (2015). O cotidiano e a história: construindo novos olhares na Administração. *Revista de Administração de Empresas*, 55, 151-161. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020150205>
- Barros, A., Alcadipani, R., & Bertero, C. O. (2018). A criação do curso superior em administração na UFRGS em 1963: uma análise histórica. *Revista de Administração de Empresas*, 58, 3-15. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020180102>
- Barros, A., Carneiro, A., & Wanderley, S. (2018). Organizational archives and historical narratives: Practicing reflexivity in (re) constructing the past from memories and silences. *Qualitative Research in Organizations and Management: An International Journal*, 14(3), 280-294. <https://doi.org/10.1108/QROM-01-2018-1604>
- Bernardo, P., Shimada, N. E., & Ichikawa, E. Y. (2015). O formalismo e o “jeitinho” a partir da visão de estratégias e táticas de Michel de Certeau: apontamentos iniciais. *Revista Gestão & Conexões*, 4(1), 45-67. <https://doi.org/10.13071/regec.2317-5087.2014.4.1.8006.45-67>
- Bezerra, M. M., & Ipiranga, A. S. R. (2021). Performando a história de uma política pública à luz da ANTi-History. *Revista de Administração Pública*, 55, 679-696. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200030>
- Bezerra, Mariana. M., Lopes, Luma. L. S., & Ipiranga, Ana. S. R. (2019). Spatial Practices in the City: The kidnapping of an Arts Organization. *BAR - Brazilian Administration Review*, 16. <https://doi.org/10.1590/1807-7692bar2019180163>
- Bispo, M. S., & Gherardi, S. (2019). "Flesh-and-blood knowing: Interpreting qualitative data through embodied practice-based research". *RAUSP Management Journal*, 54(4), 371-383. <https://doi.org/10.1108/RAUSP-04-2019-0066>
- Booth, C., & Rowlinson, M. (2006). Management and organizational history: prospects. *Management & organizational history*, 1(1), 5-30. <https://doi.org/10.1177/1744935906060627>
- Campos, C. E. (2010). *Michel de Certeau. A Operação Historiográfica*. In: CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. *Revista Aedos*, 3(6). <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/12230/9178>
- Capaverde, C. B., Lopes, F. T., Gómez, C. M., Oltramari, A. P., & Panitz, L. M. (2021). “A gente nunca pensou que teria que recomeçar”: histórias de vida na extinção das fundações do Rio Grande do Sul. *Cadernos de Psicologia Social do*

- Trabalho*, 24(1), 119-134. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v24i1p119-134>
- Carneiro, A. (2016). Pode a área de Estudos Organizacionais ser historiográfica? *Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(8), 1019-1049. <https://doi.org/10.25113/farol.v3i8.3814>
- Carneiro, A., & Barros, A. (2017). Uso de documentos para narrar a história de organizações: reflexões e experiências. *Revista de Contabilidade e Organizações*, 11(30), 14-23. <https://doi.org/10.11606/rco.v11i30.134408>
- Carrard, P. (2001). History as a Kind of Writing: Michel de Certeau and the Poetics of Historiography. *The South Atlantic Quarterly*, 100(2), 465-482. <https://doi.org/10.1215/00382876-100-2-465>
- Carriari, A. D. P., Murta, I. B. D., Teixeira, J. C., & Souza, M. M. P. D. (2012). Estratégias e táticas empreendidas nas organizações familiares do Mercado de Madureira (Rio de Janeiro). *RAM - Revista de Administração Mackenzie*, 13, 196-226. <https://doi.org/10.1590/S1678-69712012000200008>
- Carriari, A. D. P., Perdigão, D. A., & Aguiar, A. R. C. (2014). A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *Revista de Administração (São Paulo)*, 49, 698-713. <https://doi.org/10.5700/rausp1178>
- Certeau, M. (1974). *A cultura no plural*. Campinas, SP: Papyrus.
- Certeau, M. (1986). *Heterologies: discourse on the other*. Minneapolis, USA: University of Minnesota Press.
- Certeau, M. (2011). *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense.
- Certeau, M. (2012). *A Invenção do cotidiano. 1. Artes de fazer*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Certeau, M., Giard, L. & Mayol, P. (2009). *A Invenção do cotidiano. 2. Morar e cozinhar*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Clark, P., & Rowlinson, M. (2004). The treatment of history in organisation studies: towards an 'historic turn'? *Business history*, 46(3), 331-352. <https://doi.org/10.1080/0007679042000219175>
- Conley, V. A. (2001). Processual practices. *The South Atlantic Quarterly*, 100(2), 483-500. <https://doi.org/10.1215/00382876-100-2-483>
- Cooke, B., & Alcadipani, R. (2015). Toward a global history of management education: The case of the Ford Foundation and the São Paulo School of Business Administration, Brazil. *Academy of Management Learning & Education*, 14(4), 482-499. <https://doi.org/10.5465/amle.2013.0147>
- Coraiola, D. M. (2012). Importância dos arquivos empresariais para a pesquisa histórica em administração no Brasil. *Cadernos Ebape. BR*, 10, 254-269. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512012000200002>
- Costa, A. D. S. M. D., Barros, D. F., & Martins, P. E. M. (2010). Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. *Revista de Administração de Empresas*, 50, 288-299. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902010000300005>
- Costa, A. S. M., & Silva, M. A. (2019). A pesquisa histórica em administração: uma proposta para práticas de pesquisa. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 20(1), 90-121. <https://doi.org/10.13058/raep.2019.v20n1.1104>
- Curado, I. B. (2001). Pesquisa historiográfica em Administração: uma proposta metodológica. In: XXV Encontro da ANPAD - EnANPAD 2001, Campinas-SP. *Anais do XXV Encontro da ANPAD - EnANPAD 2001*, 1, 1-16.
- Decker, S. (2013). The silence of the archives: Business history, post-colonialism and archival ethnography. *Management & Organizational History*, 8(2), 155-173. <https://doi.org/10.1080/17449359.2012.761491>
- Decker, S. (2014). Solid intentions: An archival ethnography of corporate architecture and organizational remembering. *Organization*, 21(4), 514-542. <https://doi.org/10.1177/1350508414527252>
- Dey, P., & Teasdale, S. (2016). The tactical mimicry of social enterprise strategies: Acting 'as if' in the everyday life of third sector organizations. *Organization*, 23(4), 485-504. <https://doi.org/10.1177/1350508415570689>
- Driscoll, C. (2001). The moving ground: Locating everyday life. *The South Atlantic Quarterly*, 100(2), 381-398. <https://doi.org/10.1215/00382876-100-2-381>
- Durepos, G., & Mills, A. J. (2012). Actor-network theory, ANTI-history and critical organizational historiography. *Organization*, 19(6), 703-721. <https://doi.org/10.1177/1350508411420196>
- Durepos, G., Shaffner, E. C., & Taylor, S. (2021). Developing critical organizational history: Context, practice and implications. *Organization*, 28(3), 449-467. <https://doi.org/10.1177/1350508419883381>
- Faria, A. M., & da Silva, A. R. L. (2017). Estudos organizacionais baseados em Michel de Certeau: A produção internacional entre 2006 e 2015. *Revista Alcance*, 24(2), 209-226. <https://doi.org/alcance.v24n2.p209-226>
- Faria, A., & Cunha, J. F. (2022). Decolonizando Business History: O Caso da Historiografia da Unilever. *Cadernos EBAP. BR (FGV)*, 1, 1-22. <https://doi.org/10.1590/1679-395120210001>
- Ferro, M. (2002). *Les Tabous de l'Histoire*. França: Editora Nil.
- Fontoura, Y. S. D. R., Alfaia, L., & Fernandes, A. (2013). A pesquisa histórica em estudos organizacionais no Brasil: uma análise paradigmática e novas perspectivas. *Gestão. org*, 11(1), 83-103.
- Fournier, V. & Grey, C. (2000), "At the critical moment: conditions and prospects for critical management studies", *Human Relations*, 53(1), 7-32. <https://doi.org/10.1177/0018726700531002>
- Giard, L. (2012). *Momentos e lugares*. In Certeau, M. de. A invenção do cotidiano. 2. Morar e cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Godfrey, P. C., Hassard, J., O'Connor, E. S., Rowlinson, M., & Ruef, M. (2016). What is organizational history? Toward a creative synthesis of history and organization studies. *Academy of Management Review*, 41(4), 590-608. <https://doi.org/10.5465/amr.2016.0040>
- Godoy, A. S. (2018). Reflexão a respeito das contribuições e limites da história de vida na pesquisa em Administração. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 19(1), 161-175. <https://doi.org/10.13058/raep.2018.v19n1.954>
- Granato, L., Lopes, F. T., & Costa, A. D. S. M. D. (2020). História e investigação social qualitativa: reflexões em torno de la historia comparada y la historia de vida. *Organizações & Sociedade*, 27, 508-531. <https://doi.org/10.1590/1984-9270946>
- Guarnieri, F., & Vieira, F. G. D. (2020). Reinventando o cotidiano: análise de práticas de consumo sob a ótica de Certeau. *Revista de Administração de Empresas*, 60, 311-321. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200502>
- Hodge, P. A., & Costa, A. D. S. M. (2020). Do particular para o geral: Memória, história oral e estudos organizacionais. *RECADM - Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 19(3), 303-336. <https://doi.org/10.21529/RECADM.2020013>
- Hodge, P. A., Freitas, C., & Costa, A. D. S. M. (2021). Representações discursivas da mídia sobre a privatização das telecomunicações. *Revista de Administração Pública*, 55, 559-593. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200011>
- Humble, D. M., & Pedersen, A. R. (2015). Fragmented work stories: Developing an antenarrative approach by discontinuity, tensions and editing. *Management Learning*, 46(5), 582-597. <https://doi.org/10.1177/1350507614553547>

- Ipiranga, A. S. R. & Lopes, Luma. L. S. (2017). O Organizar da Estética Espacial: Uma História Táctil da Praça dos Leões. *Sociedade, Contabilidade e Gestão* (UFRJ), 12. https://doi.org/10.21446/scg_ufrj.v12i1.13402
- Ipiranga, A. S. R., Chaym, C. D., & Gerhard, F. (2016). Relatos sobre o organizar do sócio-passado em uma patente brasileira de biotecnologia. *RECADM - Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 15(2), 133-147. <https://doi.org/10.21529/RECADM.2016010>
- Jacques, R. S. (2006). History, historiography and organization studies: the challenge and the potential. *Management & organizational history*, 1(1), 31-49. <https://doi.org/10.1177/1744935906060628>
- Kipping, M., & Üsdiken, B. (2014). History in organization and management theory: More than meets the eye. *Academy of Management Annals*, 8(1), 535-588. <https://doi.org/10.1080/19416520.2014.911579>
- Lacerda., C. C. O.; Ipiranga, A. S. R. & Thoene, U. (2023). A Critical Organizational History of City Margins in the Global South. *Qualitative Research in Organizations and Management*, 18, 22-45. <https://doi.org/10.1108/QROM-05-2022-2335>
- Le Goff, J. (1992). *História e memória*. Campinas: Unicamp.
- Lopes, F. T., & Costa, A. S. M. (2021). Political exile in the post-2019 Brazilian context: history of exile and work-existence/resistance of a Brazilian intellectual. *Cadernos EBAPE.BR*, 19, 307-324. <https://doi.org/10.1590/1679-395120200038>
- Lopes, L. L. S., & Ipiranga, A. S. R. (2021). Etnografando Arquivos Históricos: Caminhos Possíveis para Pesquisas em Estudos Organizacionais. *Organizações & Sociedade*, 28, 35-53. <https://doi.org/10.1590/1984-92302021v28n9602PT>
- Luna, C. P., & Barros, D. F. (2021). Uma ANTi-história sobre o processo da primeira cirurgia de redesignação sexual no Brasil: atores e suas relações sócio-políticas na ditadura civil-militar. *RECADM - Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 20(3), 463-482. <https://doi.org/10.21529/RECADM.2021016>
- Maccali, N., Minghini, L., Walger, C. D. S., & Aroglio, K. D. (2014). O método história de vida: desvendando a subjetividade do indivíduo no estudo das organizações. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 15(3), 439-468. <https://doi.org/10.13058/raep.2014.v15n3.11>
- Machado, F. C. L., Fernandes, T. A., & Silva, A. R. L. (2017). Michel de Certeau e estudos organizacionais: Uma leitura do cenário brasileiro. *Caderno de Administração*, 25(2), 24-43.
- Machado, R. C., Chropacz, F., & Bulgacov, Y. L. M. (2020). Epistemologia de Certeau e sua contribuição para os estudos baseados em prática em organizações. *Revista Ciências Administrativas*, 26(2), 1-16. <https://doi.org/10.5020/2318-0722.2020.26.2.10091>
- Macleam, M., Harvey, C., & Clegg, S. R. (2016). Conceptualizing historical organization studies. *Academy of Management Review*, 41(4), 609-632. <https://doi.org/10.5465/amr.2014.0133>
- Mills, A. J., Weatherbee, T. G., & Durepos, G. (2014). Reassembling Weber to reveal the-past-as-history in management and organization studies. *Organization*, 21(2), 225-243. <https://doi.org/10.1177/1350508413475495>
- Miranda Junior, R. F. (2019). A história como “logos do outro”: Michel de Certeau e a operação historiográfica. *Temporalidades*, 11(1), 100-126.
- Munro, I.; Jordan, S. (2013). Living Space at the Edinburgh Festival Fringe: Spatial Tactics and the Politics of Smooth Space. *Human Relations*, 21(2), 27-49. <https://doi.org/10.1177/0018726713480411>
- Oliveira, I. B.; Sgarbi, P. (2007). A invenção cotidiana da pesquisa e de seus métodos. *Educ. Soc.*, 28(98), 15-22. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302007000100002>
- Orellana, R. C. (2012). Michel de Certeau: história e ficção. Princípios: *Revista de Filosofia* (UFRN), 19(31), 5-27.
- Oriani, A. P. (2017). Primeiros rascunhos: aproximações entre Michel de Certeau e a História do Tempo Presente. *Revista Tempo e Argumento*, 9(22), 316-338. <https://doi.org/10.5965/2175180309222017316>
- Pieranti, O. P. (2008). A metodologia historiográfica na pesquisa em administração: Uma discussão acerca de princípios e de sua aplicabilidade no Brasil contemporâneo. *Cadernos EBAPE.BR*, 6, 1-12. <https://doi.org/10.1590/S1679-39512008000100010>
- Quelha-de-Sá, R. G., & Costa, A. S. M. (2018). ANTi-History e a pesquisa em administração: Reflexões iniciais. *Cadernos de Gestão e Empreendedorismo*, 6(1), 46-58. <https://doi.org/10.32888/cge.v6i1.12726>
- Ribeiro, R. C. L., Ipiranga, Ana. S. R., Oliveira, Fabíola T. & Dias, Allan. D. (2019). Uma “estética de lances” de uma “heroína ordinária”: O reorganizar de práticas de resistências de uma artesã”. *Cadernos EBAPE.BR*, 17(3). <https://doi.org/10.1590/1679-395173562>
- Roiz, D. (2012). Os caminhos (da escrita) da história e os descaminhos de seu ensino. Curitiba: Appris.
- Rowlinson, M., Hassard, J., & Decker, S. (2014). Research strategies for organizational history: A dialogue between historical theory and organization theory. *Academy of Management Review*, 39(3), 250-274. <https://www.jstor.org/stable/43699244>
- Sauerbronn, F. F., Lima, J. P., & Faria, A. (2022). Decolonizing-recolonizing curriculum in Management and Accounting with Southern Praxis. *Academy of Management*, 2022, 1-40. <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2023230050.en>
- Schwartz, J. M., & Cook, T. (2004). Arquivos, documentos e poder: A construção da memória moderna. *Revista do Arquivo Público Municipal de Indaiatuba*, 3(3).
- Silva, A. R. L., de Pádua Carrieri, A., & Junquillo, G. S. (2011). A estratégia como prática social nas organizações: Articulações entre representações sociais, estratégias e táticas cotidianas. *Revista de Administração*, 46(2), 122-134. <https://doi.org/10.1590/S0080-21072011000200003>
- Sousa, F. C. L. (2011). Diálogos com Michel de Certeau sobre pesquisa nas ciências humanas. *Revista Crítica Histórica*, 2(3). <https://doi.org/10.28998/rchv12n03.2011.0010>
- Teixeira, R., Costa Lemos, A. H., & Lopes, F. T. (2021). A história de vida na pesquisa em Administração. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 15(4), 101-118. <https://doi.org/10.12712/rpca.v15i4.51662>
- Terdiman, R. (2001). The marginality of Michel de Certeau. *The South Atlantic Quarterly*, 100(2), 399-421. <https://doi.org/10.1215/00382876-100-2-399>
- Thanem, T. (2012). All talk and no movement? Homeless coping and resistance to urban planning. *Organization*, 19(4), 441-460. <https://doi.org/10.1177/1350508411414228>
- Vale, M. P. E. M., Bertero, C. O., & Alcadipani, R. S. (2013). Caminhos diferentes da americanização na educação em Administração no Brasil: A EAESP/FGV e a FEA/USP. *Administração: Ensino e Pesquisa*, 14(4), 837-872. <https://doi.org/10.13058/raep.2013.v14n4.49>
- Vasconcelos, A. L. F. S., Santos, J., Bezerra, D. S. S., & Silva, D. F. (2008). Uma abordagem histórica acerca dos avanços contábeis decorrentes das reformas implementadas pelo marquês de pombal na administração fazendária do Brasil Colônia de 1777 a 1808. *Contextus - Revista Contemporânea de Economia e Gestão*, 6(2), 7-14. <https://doi.org/10.19094/contextus.v6i2.32095>
- Veyne, P. (1971). *Como se escreve a história*. Lisboa: Edições 70.

- Vidal, D. G. (2005). Michel de Certeau e a difícil arte de fazer história das práticas. In L. M. Faria Filho (Org.), *Pensadores sociais e história da educação* (pp. 257-284). Belo Horizonte: Autêntica.
- Vilhagra, L. T. F. R. (2017). A escrita da história, o (s) sentido (s) e o esquecimento. *Revista Virtual Lingu@ Nostr@*, 5(1), 112-127.
- Vizeu, F. (2010). Potencialidades da análise histórica nos estudos organizacionais brasileiros. *Revista de Administração de Empresas*, 50, 37-47. <https://doi.org/10.1590/S0034-75902010000100004>
- Wanderley, S. E. P. V., & Barros, A. (2016). Decolonialidade, Virada Histórica e Estudos Organizacionais: uma Proposta de Agenda de Pesquisa. In: XL Encontro da ANPAD - EnANPAD 2016, Costa do Sauípe-BA. *Anais do XL Encontro da ANPAD - EnANPAD 2016*.
- Wanderley, S., & Barros, A. (2019). Decoloniality, geopolitics of knowledge and historic turn: Towards a Latin American agenda. *Management & Organizational History*, 14(1), 79-97. <https://doi.org/10.1080/17449359.2018.1431551>
- Wanderley, S., Barros, A., Costa, A. S. M., & Carrieri, A. P. (2016). Caminhos e percursos da História em Administração: um chamado à reflexão sobre o tempo e a construção do presente. *Farol-Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(8), 832-851. <https://doi.org/10.25113/farol.v3i8.3937>
- Ward, G. (2001). Michel de Certeau's "Spiritual Spaces". *The South Atlantic Quarterly*, 100(2), 501-517. <https://doi:10.1111/j.1741-2005.1998.tb01628.x>
- Yates, J. (2014). *Understanding historical methods in organization studies*. In M. Bucheli & D. R. Wadhvani (Orgs.), *Organizations in time: History, theory, methods* (pp. 265-283). UK: Oxford University Press.

CONTEXTUS

REVISTA CONTEMPORÂNEA DE ECONOMIA E GESTÃO.

ISSN 1678-2089

ISSNe 2178-9258

1. Economia, Administração e Contabilidade – Periódico
2. Universidade Federal do Ceará. FEAAC – Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade

**FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO,
ATUÁRIA E CONTABILIDADE (FEAAC)**

Av. da Universidade – 2486, Benfica
CEP 60020-180, Fortaleza-CE

DIRETORIA: Carlos Adriano Santos Gomes Gordiano
José Carlos Lázaro da Silva Filho

Website: www.periodicos.ufc.br/contextus

E-mail: revistacontextus@ufc.br



A Contextus assina a Declaração de São Francisco sobre a Avaliação de Pesquisas (DORA).



A Contextus é associada à Associação Brasileira de Editores Científicos (ABEC).



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional.

EDITOR-CHEFE

Diego de Queiroz Machado (UFC)

EDITORES ADJUNTOS

Alane Siqueira Rocha (UFC)
Márcia Zabdiele Moreira (UFC)

SUORTE ADMINISTRATIVO E DE EDITORAÇÃO

Heloisa de Paula Pessoa Rocha (UFC)

EDITORES ASSOCIADOS

Adriana Rodrigues Silva (IPSantarém, Portugal)
Alessandra de Sá Mello da Costa (PUC-Rio)
Allysson Alex Araújo (UFCA)
Andrew Beheregarai Finger (UFAL)
Armando dos Santos de Sousa Teodósio (PUC-MG)
Brunno Fernandes da Silva Gaião (UEPB)
Carlos Enrique Carrasco Gutierrez (UCB)
Cláudio Bezerra Leopoldino (UFC)
Dalton Chaves Vilela Júnior (UFAM)
Elionor Farah Jreige Weffort (FECAP)
Ellen Campos Sousa (Gardner-Webb, EUA)
Gabriel Moreira Campos (UFES)
Guilherme Jonas Costa da Silva (UFU)
Henrique César Muzzio de Paiva Barroso (UFPE)
Jorge de Souza Bispo (UFBA)
Keyssa Manuela Cunha de Mascena (UNIFOR)
Manuel Anibal Silva Portugal Vasconcelos Ferreira (UNINOVE)
Marcos Cohen (PUC-Rio)
Marcos Ferreira Santos (La Sabana, Colômbia)
Mariluce Paes-de-Souza (UNIR)
Minelle Enéas da Silva (Universidade de Manitoba, Canadá)
Pedro Jácome de Moura Jr. (UFPB)
Rafael Fernandes de Mesquita (IFPI)
Rosimeire Pimentel (UFES)
Sonia Maria da Silva Gomes (UFBA)
Susana Jorge (UC, Portugal)
Thiago Henrique Moreira Goes (UFPR)

CONSELHO EDITORIAL

Ana Sílvia Rocha Ipiranga (UECE)
Conceição de Maria Pinheiro Barros (UFC)
Danielle Augusto Peres (UFC)
Diego de Queiroz Machado (UFC)
Editinete André da Rocha Garcia (UFC)
Emerson Luís Lemos Marinho (UFC)
Eveline Barbosa Silva Carvalho (UFC)
Fátima Regina Ney Matos (ISMT)
Mario Henrique Ogasavara (ESPM)
Paulo Rogério Faustino Matos (UFC)
Rodrigo Bandeira-de-Mello (FGV-EAESP)
Vasco Almeida (ISMT)

CORPO EDITORIAL CIENTÍFICO

Alexandre Reis Graeml (UTFPR)
Augusto Cezar de Aquino Cabral (UFC)
Denise Del Pra Netto Machado (FURB)
Ednilson Bernardes (Georgia Southern University)
Ely Laureano Paiva (FGV-EAESP)
Eugenio Ávila Pedrozo (UFRGS)
Francisco José da Costa (UFPB)
Isak Kruglianskas (FEA-USP)
José Antônio Puppim de Oliveira (UCL)
José Carlos Barbieri (FGV-EAESP)
José Carlos Lázaro da Silva Filho (UFC)
José Célio de Andrade (UFBA)
Luciana Marques Vieira (UNISINOS)
Luciano Barin-Cruz (HEC Montréal)
Luis Carlos Di Serio (FGV-EAESP)
Marcelle Colares Oliveira (UFC)
Maria Ceci Araujo Misoczky (UFRGS)
Mônica Cavalcanti Sá Abreu (UFC)
Mozar José de Brito (UFL)
Renata Giovinzazo Spers (FEA-USP)
Sandra Maria dos Santos (UFC)
Walter Bataglia (MACKENZIE)